

## O enquadramento do risco na reportagem Crise do Clima do Jornal Folha de S. Paulo<sup>1</sup>

Rarissa Urruth Grissutti<sup>2</sup>

Roberto Villar Belmonte<sup>3</sup>

Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS

### Resumo

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso sobre a análise da reportagem especial Crise do Clima: no rastro do aquecimento global, na versão online do jornal Folha de S. Paulo. O trabalho mobiliza os conceitos de sociedade de risco e metamorfose do sociólogo Ulrich Beck e dialoga com as reflexões que vem sendo realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Utilizando análise de conteúdo, a pesquisa teve o objetivo de analisar o enquadramento do objeto, a partir das noções de risco e solução, que aparecem nas dimensões local, global, econômica e transcendental. Com o recorte das unidades de registro foi possível identificar os enquadramentos que predominam no especial para a cobertura da mudança climática.

**Palavras-chave:** risco, enquadramento, mudança do clima, webjornalismo, jornalismo ambiental.

### Introdução

O estudo trata da análise de enquadramento do especial Crise do Clima: no rastro do aquecimento global, do jornal Folha de S. Paulo, publicado entre os meses de abril, maio e junho de 2018, na versão digital. O tema foi escolhido pela relevância acerca do debate e da cobertura midiática das ocorrências da mudança climática, até então pouco aprofundadas.

Por tratar da mudança do clima em seus aspectos locais, com um agravante global, o tema dialoga com as questões atuais da mudança ao redor do globo e provoca questionamentos acerca da forma como o jornalismo aborda o assunto, a partir de quais enquadramentos.

Por dar subsídio às abordagens climáticas realizadas pela sociedade em seus diversos espaços de fala, a abordagem de Metamorfose do Mundo buscou a visão de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Jornalista formada no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter em 2018/2. E-mail: [rarissa.grissutti@gmail.com](mailto:rarissa.grissutti@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor de jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter e doutorando no PPGCOM/UFRGS. Email: [rvillar21@gmail.com](mailto:rvillar21@gmail.com).

---

Ulrich Beck como linha principal de embasamento teórico, disponibilizando outros apontamentos necessários para o tratamento do tema, como os estudos de Loose e Moraes (2018) acerca da mudança climática e a cobertura midiática, aprofundando a observação da pauta a partir de uma visão crítica acerca de estudos que indicam uma mudança do clima e uma mudança de enquadramento sobre a temática abordada pelo jornalismo.

Através de autores como Longhi (2014) e Schwaab (2018) discute-se a aplicabilidade de linguagens imersivas nas narrativas jornalísticas na internet e como o formato pode ser explorado para melhorar a cobertura dos temas ambientais, em especial da mudança climática.

As categorias utilizadas na análise de conteúdo são os sete enquadramentos encontrados na reportagem estudada a partir das noções de risco e solução, que aparecem nas dimensões local, global, econômica e transcendental

### **Mudança do clima**

Atualmente o aquecimento da temperatura média da Terra faz o planeta passar por mudanças. Para Loose e Moraes (2018) a mudança climática é relacionada tanto com as alterações naturais de mudança do clima quanto com as alterações que carregam o impacto da humanidade como marca. O que tem conformidade com o quinto relatório do Painel Intergovernamental de Mudança do Clima (IPCC – sigla em inglês), que indica que a temperatura média da terra tem sofrido alteração climática significativa. Conforme aponta o relatório, a denominação ‘alteração climática’ é direta ou indiretamente ligada às ações humanas, conforme acordado no artigo da Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (UNFCCC – sigla em inglês).

A mudança climática também afeta a vida do homem diretamente, não somente ligada a eventos extremos e catastróficos, mas também em relação à saúde e produção de alimentos. Conforme o relatório do IPCC, a comprovação das alterações de saúde ainda aparece pequena, mas é relacionada ao aumento de mortes devido a temperaturas mais quentes e, conseqüentemente, a diminuição de óbitos em decorrência do frio, também o levantamento traz a transmissão de doenças pela água e por vetor ligado às alterações climáticas locais.

O relatório do IPCC reúne dados a partir da implantação da gestão de risco em todos os países, independente dos níveis de desenvolvimento, sobre a realidade da

mudança climática. Os apontamentos indicam despreparo na gestão de risco, falta de preparo e de estrutura para lidar com a variabilidade climática, referindo-se diretamente ao fator socioeconômico ligado aos setores mais atingidos com catástrofes e eventos decorrentes da mudança do clima. Este fator demonstra que independente de nível social, desenvolvimento e posição, os riscos associados à mudança do clima e as consequências destes tornam-se presentes em países do mundo todo onde o despreparo os deixa vulnerável de forma semelhante.

Sobre isso, Beck (2011), ao elaborar o conceito de sociedade de risco, mostra a necessidade de atribuir a desigualdade social como o ponto mais expressivo para a formação de uma sociedade ligada ao risco e aos meios que o criam. Para isso, pode-se utilizar o exemplo do país. No Brasil, as classes sociais mais afetadas pelas condições de risco são aquelas que se veem sem escolha de moradia, ocupando por vezes áreas perigosas em morros, como as encostas e regiões onde a probabilidade de ocorrer um desastre ambiental é maior do que em locais mais seguros, degradando o espaço e colocando a vida em risco. A população mundial hoje vive a realidade do risco presente em seu cotidiano. Pois, conforme Beck (2011), ao consumir alimentos, beber água e respirar, a sociedade está em nível de igualdade na proporção de risco.

Coma (2005) traz a comunicação de risco como um fator principal na conscientização da população que estabelece um parâmetro para atuação de entidades sociais, científicas e jornalísticas, a fim de conscientizar sobre os riscos. Conforme Delevati (2012, p. 40), “é tornando os riscos visíveis na agenda da mídia que é possível reduzir estes riscos”. Para isso, é essencial que as comunidades científica e jornalística muitas vezes trabalhem unidas e não isoladas.

Nesse sentido, Beck (2011) também ressalta a autodestruição como um fator desencadeador na observação de riscos na sociedade. Para isso, é feita a análise não somente pelos mais afetados, como as classes de menor poder na sociedade, mas também por aqueles que influenciam na criação de riscos e que, conseqüentemente, estão em situação de privilégio. Segundo Beck:

com a distribuição e o incremento dos riscos, surgem situações sociais de ameaça. Estas acompanham, na verdade, em algumas dimensões, a desigualdade de posições de estrato e classe social, fazendo valer entretanto uma lógica distributiva substancialmente distinta: os riscos da modernização cedo ou tarde acabam alcançando aqueles que os produziram ou lucram com eles. Eles contêm um efeito bumerangue, que implode o esquema de classes. Tampouco os ricos e poderosos estão seguros diante deles. (BECK, 2011, p. 27)

A partir disso, amplia-se a conceituação de Beck para um novo olhar acerca da organização social e global da mudança climática e os riscos denominados. Apresentada como Metamorfose do Mundo, a teoria explica a sensação de risco iminente decorrente das alterações climáticas como uma mudança em curso da atual estrutura global.

### **Metamorfose do Mundo**

Segundo Beck (2018), vivemos o período da metamorfose em curso, onde a realidade se transmuta em tempo real, sem que possa haver uma previsão de tempo e resultado deste processo de metamorfose. Ao relacionar a conceituação de Beck (2018) com o pensamento sistêmico ligado ao risco (conceito também abordado pela perspectiva do autor) e ao fazer jornalístico sobre meio ambiente, trata-se de olhar para o mundo em uma compreensão da conjuntura que detenha não somente saberes e ações relacionadas, mas também o entendimento de uma ligação global ainda não explorada, onde a ação até aqui praticada pelo sistema de mundo desenvolvido pelo homem inicia a sua fase de colapso, necessitando-se de uma reestruturação, reformulação e, assim, uma metamorfose que dê conta de uma outra organização.

em suma, metamorfose não é mudança social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise. É uma maneira de mudar a natureza da existência humana. Significa a era dos efeitos colaterais. Desafia nosso modo de estar no mundo, de pensar sobre o mundo, de imaginar e de fazer política. (BECK, 2018. p. 36)

Ao tratar de cidadão do mundo, o autor reitera a máxima de pertencimento, que na atual conexão global, complementa-se a ideia de não existir e atuar em um único espaço, mas sim em consequências globais. A proposta de cosmopolização abordada por Beck (2018) como preceito da organização mundial ultrapassa em aplicabilidade o conceito de globalização, pois esta deve iniciar de dentro das sociedades para o exterior. Guivant (2016) busca compreender o conceito da cosmopolização usado pelo autor na seguinte estrutura:

o processo de cosmopolitização significa globalização desde dentro das sociedades nacionais, com transformações importantes nas identidades cotidianas, porque os problemas globais passam a ser parte de nosso dia a dia, e das estruturas de governança global. Essa é a diferença fundamental com o termo “globalização”, que delimita mais algo que está lá fora. A cosmopolitização tem lugar desde dentro. (GUIVANT, 2016, p. 232)

Diretamente relacionada à mudança climática, a metamorfose do mundo, proposta por Beck (2018), analisa a partir deste risco global iminente e com a construção de uma virada cosmopolita os diferentes aspectos que não mais dão conta da conjuntura social e mundial em que a humanidade vive.

### **Pautando a mudança do clima**

Em relação à mudança do clima e a cobertura midiática, como risco presente no cotidiano, Loose e Moraes (2018) pontuam que a alteração climática é tratada pela mídia quando liga-se a assuntos de interesse político-econômico, desastres ou a produção científica, sem dar subsídio para um entendimento social acerca do assunto. “Ainda que esses sejam momentos importantes, a falta de contextualização e a pouca atenção dada ao assunto não são capazes de aproximar a discussão com o cotidiano da maioria da população” (LOOSE; MORAES, 2018, p. 120).

Por ser um problema que atinge o local, mas trata de características globais, a mudança do clima passa a ser divulgada sempre como algo exterior, ligado ao internacional, onde os fatores de risco mostram-se em um futuro, distanciando a população do tema e da contextualização. O que vem ao encontro da abordagem de Beck em relação à mudança como metamorfose e a atuação desta como um todo, ligando o local ao global.

### **Metamorfose no Jornalismo**

O webjornalismo ou jornalismo online já passou por etapas evolutivas na utilização e disposição de informações na web. Conforme Canavilhas (2014), os primeiros conteúdos disponibilizados pelos jornais impressos nas páginas da World Wide Web (WWW) contavam com a mesma informação, mas em padrão online, sem alteração ou adaptação daquilo que era publicado no impresso. Longhi (2010) entende que o início do jornalismo online tem características comuns, como a relação da estrutura de leitura com as experimentações do meio online.

Ao buscar compreender a relação jornalística com a utilização de linguagens diferentes e a aplicabilidade do conceito multimídia às reportagens online, Longhi (2014) traça uma linha do tempo que mostra o início do cruzamento de linguagens, expondo, conforme aponta Salaverría (2014), a utilização de mais de uma linguagem no

tratamento de um texto jornalístico para web. Segundo Longhi (2014), os primeiros produtos multimídia lançados na web datam de 1999 e 2000, período nomeado pela autora como Fase 1, considerando como linguagem multimídia os slide-shows noticiosos. Ainda, a autora analisa a formatação dos primeiros especiais multimídia disponibilizados pelo webjornalismo entre 2002 e 2004, onde chama de Fase 2, com a incorporação de infográficos. Longhi (2014) ainda ressalta a consolidação dos especiais multimídia entre os anos de 2005 e 2009 como parte da Fase 2, considerando a utilização da linguagem da picture storie e infografia nos conteúdos de webjornalismo.

Com a evolução dos softwares de produção de infográficos e animação gráfica, Longhi (2014) traça como Fase 3 a que teve início em 2011 e se mantém como característica da reportagem para web. Os aspectos ressaltados pela autora consideram a exploração de recursos que proporcionam uma narrativa imersiva, extrapolando a utilização das linguagens enumeradas por Salaverría (2014), além de ambientes e ferramentas, como HTML5, possibilitando um novo design e melhor navegação. Nesta fase, ocorre o que a autora entende como ponto de virada da reportagem multimídia:

ao longo desses 15 anos de desenvolvimento de produtos noticiosos hipermediáticos, formatos também evoluíram, a ponto de se verificar, no cenário atual, um ponto de virada: momento de maturidade em que se estabelecem modos de fazer no que se configura como grande reportagem multimídia, onde características como design, narrativa e navegação se destacam, conferindo qualidade crescente a tais produtos. (LONGHI, 2014, p. 900).

Para isso, torna-se necessário pensar a construção narrativa como um formato que necessita de uma base, onde uma linguagem torna-se o centro que sustenta as demais, fornecendo em determinado nível, apoio para as linguagens que se entrelaçam ao longo da experiência narrativa para o público. Dessa forma, Salaverría (2014) propõe critérios que facilitem a utilização harmoniosa das linguagens na reportagem multimídia. São eles: compatibilidade, complementaridade, ausência de redundância, hierarquização, ponderação e adaptação.

Quadro 1: critérios de composição da reportagem multimídia

<b>Compatibilidade</b>	Combinação de linguagens multimídia em uma narrativa onde as mesmas sejam compatíveis, sem prejudicar a compreensão de uma ou outra. Exemplo: utilização de som e imagem ou texto e foto.
<b>Complementariedade</b>	Utilização de linguagens multimídias diferentes em uma narrativa onde as mesmas complementem o significado uma da outra e que tenham tempo distribuído no consumo da informação. Exemplo:

	áudio de dois minutos seguido de um vídeo de cinco minutos, onde as informações sejam complementares. Ausência de redundância Não utilização de uma mesma informação em diferentes linguagens, excedendo o limite do consumo da mesma informação. Exceção: reforçar parte da narrativa com a repetição do conteúdo para melhor contextualização, ainda assim sem exceder o uso da informação repetitiva.
<b>Hierarquização</b>	Trata da organização da linguagem a ser disposta na narrativa a partir do conteúdo que é informado. A hierarquização demanda, por vezes, de dar mais espaço a determinada linguagem em detrimento das demais.
<b>Ponderação</b>	Trata da distribuição de linguagens multimídia em seu tempo, espaço e necessidade de aplicações para visualização de conteúdo, por exemplo. A ponderação deve permear as informações de modo que possam ser consumidas brevemente e com profundidade, conforme o interesse do público. Adaptação Adaptar o conteúdo através das linguagens multimídia ao ambiente online, levando em consideração fatores como dimensões espaciais e tipografias do ambiente digital. Além de seguir os modelos de navegação propostos pelo meio digital.

Fonte: SALAVERRÍA, 2014

Com a categorização dos elementos multimídia e a conceituação de um ponto de virada a partir da utilização destes elementos, segundo Longhi (2014), a observação do material multimídia hoje disposto na web dá espaço ao long-form, termo utilizado para se referir às narrativas mais longas, que têm uma quantidade expressiva de conteúdo. Com esta denominação, os especiais no webjornalismo passaram a se modificar, já que com a narrativa long-form os textos começaram a integrar um só espaço, não mais sendo fragmentados e disponibilizados em diferentes seções. A narrativa long-form pode ser entendida como uma reportagem ampliada.

Para Schwaab (2018), a idealização da reportagem em cima do tratamento da pauta ambiental, ou do jornalismo ambiental, deve se prender às características de análise, conceituação, representatividade e formulação com profundidade, presentes no que cabe ao gênero reportagem. Segundo Nilson Lage (2014), a reportagem como gênero interpretativo busca contextualizar de forma aprofundada e com características inerentes ao jornalismo, que formulam a percepção de mundo a partir da escuta e observação do repórter.

Schwaab (2018) contextualiza que a reportagem deve buscar compreender os contextos, as perguntas, os pontos que dão veracidade e fôlego ao fato. Ainda assim,



conjecturando a escrita, as mídias, as fontes, os dados, os documentos e os cases em um grande aparato a serviço do interesse público, movendo peças para costurar uma amostra ampliada e satisfatória de certo retrato da realidade, sem esquecer que a reportagem mantém-se viva, com possibilidades de continuidade e ampliação de olhares.

Assim, Longhi (2014) ao buscar contextualizar a geração do formato presente na web aproxima a construção do webjornalismo aos fatores apontados por Schwaab (2018) para o jornalismo ambiental. Acrescentando profundidade através de características específicas, como a utilização de fontes populares, de fontes oficiais (discurso oral), de imagens ampliadas e contextualizadas, uso de dados de forma clara (infográficos) e visualização de panorama socioambiental (vídeo). Unindo as diferentes linguagens e explorações possíveis do ambiente online para a contextualização aprofundada de fatos, com recursos imersivos e exploratórios de pautas pertinentes, como a mudança do clima, assunto tratado neste artigo.

### **Enquadramentos na reportagem Crise do Clima**

O especial Crise do Clima: no rastro do aquecimento global, do jornal Folha de S. Paulo foi publicado entre os meses de abril, maio e junho de 2018 e é composto por nove reportagens distintas, que foram nomeadas para a presente análise pela letra R mais o numeral sequencial (R1 a R9). A partir de uma leitura flutuante e de uma primeira análise dos textos percebeu-se a presença das noções de risco e solução, com as dimensões local, global, econômica e transcendental, que foram usadas para criar as sete categorias utilizadas na análise de conteúdo, conforme quadro a seguir:

Quadro 2: definição de categorias

<b>RISCO LOCAL</b>	Define-se risco local os problemas de cunho climático que atingem de forma localizada (cidades, regiões e países) retratados no especial Crise do Clima da FSP. Também inclui-se nesta categoria os riscos sociais, que atingem a população.
<b>RISCO GLOBAL</b>	Define-se risco global a cobertura voltada para as causas globais de um problema climático diante um panorama local.
<b>RISCO ECONÔMICO</b>	Risco econômico trata de prejuízos financeiros e materiais ocasionados pela mudança do clima.
<b>RISCO TRANSCENDENTAL</b>	Define-se risco transcendental a crença em relação ao problema. A ideia de uma força exterior que atua como parte do problema e solução na mudança do clima.
<b>SOLUÇÃO LOCAL</b>	Define-se solução local as resoluções acerca dos



	problemas de cunho climático que atingem de forma localizada (cidades, regiões e países) retratados no especial Crise do Clima da FSP. Também inclui-se nesta categoria as soluções sociais, que dão suporte para a resolução sobre os problemas que atingem a população.
<b>SOLUÇÃO GLOBAL</b>	Define-se solução global as propostas que auxiliam na redução dos problemas climáticos globais diante um panorama local.
<b>SOLUÇÃO ECONÔMICA</b>	Solução econômica trata de ações para diminuir os custos e perdas financeiras e materiais ocasionados pela mudança do clima.

Fonte: dados da pesquisa.

A partir disto, buscou-se analisar e compilar os resultados conforme a apresentação de unidades de registro correspondentes às categorias, estas sendo indicadas conforme as especificações encontradas em cada enquadramento utilizado no conteúdo. Segundo Entman (1993, p.52, tradução nossa<sup>4</sup>), “enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicante”. A pesquisa mostrou que o risco local foi o mais saliente no texto e nos elementos multimídia. Nesse artigo, por questão de espaço, apenas a análise textual será apresentada. No entanto, é possível dizer que imagens e vídeos foram utilizados para reforçar o enquadramento do risco climático local.

### **Risco Local**

Risco Local foi a categoria com maior incidência de enquadramento textual, contabilizando 87 unidades de registro e estando presente nas nove reportagens. Conforme exemplo de unidade de registro:

**Estiagem e herança do apartheid criam pânico com torneiras secas no Dia Zero.**(R2\_RL\_1).

Nota-se a categorização de Risco Local a partir da parte em negrito, fazendo o contraponto social e ambiental em relação à mudança climática relatada na Reportagem 2 do especial (R2).

São 10h da manhã e, ao longe, **começa o ronco diário de pequenas avalanches em Palcaraju e Pucaranra** deflagradas pela **temperatura em elevação.** (R3\_RL\_3).

<sup>4</sup> Framing essentially involves selection and salience. To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text [...].

Na unidade de registro acima, a característica presente na parte em negrito remete a mudança de temperatura que é colocada no texto de forma localizada, como indica a sentença ‘pequenas avalanches em Palcaraju e Pucaranra’.

“Ninguém sabe o que é fato e o que é opinião. **O que acabou com os dinossauros? Foi o desmatamento?**”, indaga. Ela diz que sua **região teve quatro anos de seca**, de 2012 a 2016, e agora **está voltando à “normalidade”**.(R4\_RL\_3).

A unidade de registro acima indica uma negação do risco, apresentando um cenário local (Brasil) onde a realidade acerca da mudança do clima é presente, mas acaba sendo colocada em questionamento por parte de uma parcela populacional.

### **Risco Econômico**

Risco Econômico foi a segunda categoria com maior incidência nas reportagens analisadas, contabilizando 26 unidades de registro, presente nas nove reportagens. Conforme a unidade de registro exemplifica:

Com mais de quatro décadas de experiência no local, o **agricultor aposentado Inácio da Silva acredita que, mesmo com mais água, os produtores não terão dinheiro para investir no replantio de coco**, que leva em média 3,5 anos para produzir.(R8\_RE\_2).

A unidade de registro acima enquadra o problema pelo olhar de um atingido, mas que em construção de narrativa posiciona de forma sensível a perda econômica ocasionada pela mudança do clima, conforme parte em negrito.

“O norte do cerrado vive uma situação crítica –**se a seca persistir, a atividade agrícola na região se tornará antieconômica**”, diz Mercedes Bustamante, do Departamento de Ecologia da UnB. (R4\_RE\_5).

Na unidade de registro acima nota-se, na parte em negrito, que a atividade agrícola de determinada região (Cerrado) sofre problemas de adaptação com alterações do clima, problemas esses que são revertidos em prejuízos econômicos.

### **Risco Global**

A categoria de Risco Global contabilizou 21 unidades de registro, esteve presente em oito reportagens. A unidade de registro abaixo indica a categoria:

A **agropecuária é o principal emissor no Brasil dos gases** que agravam o **efeito estufa** e resultam na **elevação da temperatura média da atmosfera terrestre**. (R4\_RG\_5).

---

A parte em negrito indica que no Brasil a parcela de emissão de gases do efeito estufa fica por conta da agricultura, mas que isto tem reflexos no todo.

### **Risco Transcendental**

Risco Transcendental esteve presente em cinco das nove reportagens, a categoria contabilizou oito unidades de registro. Conforme exemplo abaixo:

Sob o sol forte da uma da tarde, a carreta para na casa de madeira semidestruída de Alfonso Lugo Colón. A sala desapareceu. **“Caía água salgada do telhado”, diz. “Não se respeita a palavra de Deus. Aconteceu porque tinha de acontecer.”** (R5\_RT\_1).

A parte em negrito ressalta o emprego da expressão ‘aconteceu porque tinha de acontecer’, que denota o conformismo de um cidadão em relação ao furacão que atingiu a região onde reside. Além de atribuir a catástrofe ao fato de não se respeitar a figura divina, que seria a responsável pelo problema.

### **Solução Local**

Solução Local esteve presente em sete das nove reportagens, contabilizando 19 unidades de registro. Conforme exemplo abaixo:

A agricultura consome 89% da água [no Peru], informa Portocarrero, e desses 89% se desperdiçam 65%. **“Temos de começar a trabalhar no uso eficiente da água, como parte desse processo de adaptação ao problema que a mudança climática nos traz.”** (R3\_SL\_2).

A parte em negrito da unidade de registro acima indica a busca pela utilização mais eficaz dos recursos hídricos no Peru em resposta às mudanças climáticas que afetam e oferecem risco para o país.

**“A visão inteligente, resiliente, é respeitar os locais da natureza, sair das áreas inundáveis”,** defende. **“Há que pensar em como redesenhar o país.”** (R5\_SL\_1).

Na unidade de registro exemplificada acima, percebe-se uma abordagem perante as questões da mudança climática, tratando não somente como um problema e uma busca pela solução, mas uma reorganização, adaptação de espaços com a limitação em respeito à zona natural, propondo uma medida essencial à precaução de catástrofes.

### **Solução Econômica**

Solução Econômica está presente em quatro das nove reportagens analisadas contabilizando seis unidades de registro. Conforme a unidade de registro exemplificada:

---

“Eles estão usando **métodos de conservação do solo, reduzindo uso de fertilizantes**, porque, além de ser ecologicamente positivo, **reduz o risco econômico.**” (R4\_SE\_1).

A unidade de registro encaixa-se no enquadramento da mudança do clima pelo enquadramento da solução econômica, pois trata da redução de um risco econômico como fator de adaptação no cultivo agrícola, o que acaba por contribuir para uma diminuição no impacto ecológico, conforme indica a parte em negrito.

### Solução Global

Solução Global foi o enquadramento com apenas três unidades de registro mapeadas nas nove reportagens analisadas, estando presente em apenas duas destas. Abaixo a exemplificação da categoria na unidade de registro:

A **Noruega** paga pelo Cofre das Sementes, pôs **US\$ 1 bilhão (R\$ 3,5 bilhões)** à **disposição do Fundo Amazônia** para atividades que reduzam a pressão sobre a floresta brasileira e dá pesado **incentivo fiscal para eletrificar sua frota de carros.** (R7\_SG\_1).

Na unidade de registro acima, nota-se a aplicação do enquadramento Solução Global ao analisar a parte em negrito que diz da adaptação às alterações climáticas e manutenção da preservação da natureza, ação realizada em conjunto.

Nas nove reportagens analisadas, o especial Crise do Clima apresentou em diferentes linguagens as alterações climáticas em diferentes pontos do globo. Com essa análise identificou-se os sete enquadramentos presentes na reportagem, com predomínio do risco local e da solução local.

### Considerações finais

Após a análise do especial Crise do Clima: no rastro do aquecimento global, percebe-se que os enquadramentos de risco e solução (local, econômico, global e transcendental) são salientados ao longo da construção das narrativas, possibilitando um panorama amplo e informativo acerca das mudanças do clima e suas consequências. Chama a atenção o risco transcendental, com apenas oito unidades de registro, mas presente em cinco das nove reportagens analisadas, pois ele mostra que apesar das crescentes evidências ao redor do globo, as mudanças do clima ainda são atribuídas em parte a uma causa sobrenatural, não humana e, portanto, não econômica.

---

Coerente com o propósito do esforço de reportagem realizado pelo jornal Folha de S. Paulo, o enquadramento do risco local predominou, assim como as soluções igualmente locais. O risco econômico também esteve bastante saliente. É possível dizer ao final desse estudo que o especial Crise do Clima descreve jornalisticamente o que Beck chamou de sociedade de risco e que a reportagem de campo com narrativa long-form consegue dar conta de um mundo em metamorfose.

### Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a outra modernidade. São Paulo: Editora 34. 2 Ed. 2011.

BECK, Ulrich. **Metamorfose do mundo**: novos conceitos para uma nova realidade. Rio de Janeiro: Zahar. 1 ed. 2018.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. 1 ed. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p.03 – 24.

COMA, Jordi Farré. Comunicacion de riesgo y espirales del miedo. **Comunicacion y Sociedad**, Guadalajara, n 3, p. 95 e 119, enero/junio 2005.

DELEVATI, Ananda. **Comunicação de risco e cobertura de desastres**: o campo jornalístico e as fontes especializadas. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigma. **Journal of Communication**, n. 43 (4), 1993. p.51-8.

GUIVANT, Julia Silvia. O legado de Ulrich Beck. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, set./dez. 2014.

LONGHI, Raquel Ritter. O nome das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, v. 2, n. 7, maio. 2010.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Cláudia Herte. Mudança do clima (e de pauta!). In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo Ambiental**: teoria e prática. 1 ed. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p.111 – 124.

PAINEL GOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇA DO CLIMA (IPCC, sigla em inglês). Relatórios. Disponível em: [http://www.ipcc.ch/publications\\_and\\_data/publications\\_and\\_data\\_reports.shtml](http://www.ipcc.ch/publications_and_data/publications_and_data_reports.shtml) Último acesso em: 24 de setembro de 2018.

---

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para os cinco sentidos. In: CANAVILHAS (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. 1 ed. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 25 – 52.

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo Ambiental**: teoria e prática. 1 ed. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p.69 – 86.